



Martha Margareta Karin Engel de Souza

DF-Brasília
042
Reportagem 0022

Trabalho gratificante para a saúde dos candangos

Arquivo pessoal



STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Se fosse pelos colegas médicos da Cruz Vermelha, em São Paulo, onde Martha Margareta Karin Engel de Souza trabalhava, ela jamais teria vindo para a nova capital. “Você é louca, mudar para Brasília... você vai ficar debaixo de árvore, não vai ter onde comer ou dormir. Lá não tem diversão nenhuma”, diziam. “Realmente, aqui não tinha nada, nem diversão, mas eu não estava atrás disso, eu queria vir para trabalhar”, afirma a enfermeira. Segundo ela, as pessoas diziam que seria gasto dinheiro em vão com a construção da cidade e que a obra não iria emplacar. Mas ela nunca deu ouvidos a isso.

O desejo da enfermeira de se integrar aos candangos aumentou ainda mais durante uma visita do presidente Juscelino Kubitschek ao Hospital da Cruz Vermelha nos idos de 1958. “Naquele dia, me deu vontade de pegar no rabinho do avião do presidente e ir embora para Brasília”, comenta. A irmã Úrsula Engel foi contratada pelo Serviço Especial de Saúde Pública—Sesp, a convite de Ernesto Silva, então presidente da Novacap, para vir treinar atendentes para trabalhar no Hospital Distrital (atual Hospital de Base). Quando soube, Marta deu um jeito de vir com a irmã.

Segundo ela, apenas Úrsula,

que prestava serviços para o Sesp, havia sido chamada. Quando ficou sabendo que a irmã viria para cá, fez um contrato especial às pressas com a instituição para seguir o mesmo rumo. Deu tudo certo. A viagem tão esperada não demorou muito. Em outubro de 1959, Martha desembarcava em Brasília com a certeza de que seu futuro estava aqui. “Quando a porta do avião foi aberta eu olhei para o lado e vi aquele cerradão vermelho e disse para mim mesma: Essa aqui é minha terra. Daqui não saio nunca mais.” A chegada a Brasília foi tão emocionante que a pioneira até esqueceu o nome do avião que a trouxe. “Naquele tempo também havia tantos nomes que nem me lembro mais”, desculpa-se.

A enfermeira tinha motivos de sobra para se mudar para o Distrito Federal. Primeiro porque os pais, em idade avançada, moravam em Goiás, e a filha queria ficar mais perto deles. Segundo, “porque participar da construção de uma capital da República seria muito importante”, orgulha-se. E, por último, o principal: “Eu iria ganhar o dobro aqui. Em São Paulo eu ganhava bem, mas aqui era o dobro do salário”.

Em pouco tempo, as três contratadas—Martha, a irmã e uma terceira enfermeira que veio de Belo Horizonte, Agda Stemler—esbanjavam esforço e dedicação na lida com os serviços burocráticos e nas aulas práticas para o grupo de assistentes. As candidatas primeiro passavam por

uma seleção e depois por um rigoroso teste de conhecimentos gerais e psicotestes. O treinamento durou aproximadamente seis meses. “As aulas eram dadas em pé ou sentadas no chão de uma salinha do Departamento de Saúde Pública, um barraco simples e de madeira que ficava ao lado da Candangolândia. Das 40 selecionadas e treinadas, só 36 entraram na rede. Um casaram e outras acabaram desistindo.” Martha e as outras duas enfermeiras ensinavam o bê-á-bá da enfermagem, serviços básicos de como fazer a limpeza da cama e dar comida aos pacientes.

Em abril de 1960, as atendentes já estavam a postos no Hospital Distrital e em outros, como o Hospital São Vicente de Paula,

NOS DIAS DE FOLGA, MARTHA APROVEITAVA PARA COLHER FLORES DO CERRADO, SEM SE IMPORTAR COM A SUPERSTIÇÃO DE QUE, QUEM AS TOCASSE, NÃO CASAVA

em Taguatinga, e do IAPI. “No final, elas acabavam fazendo de tudo, até medicação, injeções e curativo”, completa. Terminados os treinamentos, o pessoal do Sesp as convidou para voltar para São Paulo, mas a resposta não poderia ser diferente. “Eu estava em São Paulo louca para vir para Brasília e depois que eu consegui eu iria voltar? Não...”

Dificuldades

Os primeiros meses de Brasília foram realmente muito difíceis para a pioneira, que tinha de se deslocar de um lugar para o outro contando muitas vezes com a sorte. “Tínhamos um jipe velho que, para funcionar, precisava ficar estacionado numa rampa. Caso não pegasse na saída para o trabalho, a gente tinha que empurrá-lo. E quando fazia frio, então?! Ai é que ele não pegava mesmo”, conta. Para voltar, Martha tinha que contar com a solidariedade das caronas ou com a boa vontade de outros. “Como o motorista do jipe era esquecido, às vezes eu tinha que ir num camburão ou no que aparecia na hora. O padre Roque às vezes me levava, mas ele não tinha dó, me levava só até o restaurante”, lembra. “Depois, o Sesp mandou uma Veraneio chique para a gente.”

No dia da inauguração da cidade, Martha só não ficou a pé graças a uma carona numa lambreta, que pegou para chegar

A enfermeira trabalhava na Cruz Vermelha em São Paulo, mas, desde que soube da construção da nova capital, teve vontade de participar da empreitada

até o trailer improvisado próximo à rodoviária para dar suporte médico à população, “Tinha muita gente de fora naquele dia. E tivemos que emprestar o carro, porque não havia transporte na cidade”, lembra. Enfurnada no trailer, Martha ficou de fora da grande festa. “Só dava para ouvir os fogos”, lamenta.

As refeições, segundo ela, eram feitas num refeitório, nos acampamentos da Novacap. “Lá havia três alojamentos compridos, só a metade de um era para as mulheres. O restante era para os homens. Tinha homem demais aqui naquela época”, observa.

Essas dificuldades eram apenas o começo. Depois de inaugurado o Hospital Distrital, Martha foi contratada para trabalhar no pronto-socorro. “Lá tinha acidentado de tudo quanto era jeito. Paciente com queimaduras vindo do Núcleo Bandeirante, vítimas de soterramento, de queda dos andaimes ou daqueles caminhões de lona que transportavam os trabalhadores, que acabavam virando. A gente tinha horário para entrar, mas para sair, não, ainda mais que eu tinha jurado que não deixaria nenhum paciente sozinho”, afirma.

A pioneira conta que, quando chegava em casa, morta de cansada e não sabia se ia dormir, tomar banho ou comer alguma coisa, chegava uma ambulância do hospital e ela acabava voltando. “A ambulância passava de casa em casa pegando enfermeiros para prestar socorro”, explica. “Aqui tinha muitos acidentes de trânsito também. Quando morava no alojamento da Novacap, eu sempre via, pela manhã, um carro caído na curva da morte — curva que liga a



FOI AQUI EM BRASÍLIA QUE MARTHA CONHECEU O MARIDO, LUIZ, CRIOU OS FILHOS E CURTE OS NETOS

Candangolândia ao Núcleo Bandeirante.”

A grande demanda e a urgência por médicos e cirurgiões acabavam deixando as crianças um pouco de lado, segundo Martha, que, depois de um tempo no pronto-socorro, resolveu prestar auxílio no setor de pediatria do hospital. Naquele tempo, superavam-se as dificuldades da falta de estrutura do hospital graças à criatividade das enfermeiras. “Muitas vezes tínhamos que fazer um rolo de cobertor, dividindo o berço, para caber mais de duas crianças. Isso quando tinha cobertor... E o obstetra sempre me perguntava se não tinha um jeito de colocar mais um. O interessante é que naquele tempo não havia problemas com infecção hospitalar.” Ela conta ainda que só havia aqueles chuveiros grandes onde davam banho nas crianças. “A gente acabava tomando banho junto com elas, pois nos molhávamos toda”, acrescenta.

Foi na pediatria que Martha conheceu o marido, Luiz Alves de Souza, então residente da clínica, que trabalhava no mesmo andar que ela. O casamento

“**TÍNHAMOS UM JIPE VELHO QUE, PARA FUNCIONAR, PRECISAVA FICAR ESTACIONADO NUMA RAMPA. CASO NÃO PEGASSE NA SAÍDA PARA O TRABALHO, A GENTE TINHA QUE EMPURRÁ-LO. E QUANDO FAZIA FRIO, ENTÃO?! AÍ É QUE ELE NÃO PEGAVA MESMO**”

aconteceu em Goiânia, no ano de 1962, depois de um grande susto. Pouco tempo antes do casamento, ele se encontrava no Piauí e só chegou um dia antes da cerimônia. O avião que o trazia veio pingando de cidade em cidade, e quando chegou a Brasília, durante o pouso, bateu no chão, entrou pelo cerrado e acabou ferindo alguns passageiros. “Eu tinha certeza que ele estava no vô. Nesse dia eu estava descansando e aproveitando para arrumar as coisas para o casamento, quando minhas colegas me ligaram avisando que ele estava lá dentro do avião, mas que estava bem e até ajudava no socorro do pessoal. Eu quase fiquei viúva antes de casar.”

O ritmo de vida da enfermeira era igual ao de muitos trabalhadores daquele tempo. “Aqui não tinha dia, não tinha noite. A cidade não parava. De uma hora para outra já tinham erguido uma parede ou uma quadra. Todos trabalhavam com o mesmo ideal. Todo mundo queria ser útil e produtivo. Eu tive o privilégio de ver a Esplanada vazia, só nas estruturas metálicas. E isso a gente não vê em qualquer lugar.” Mas a vida corrida e as dificuldades não impediam a pioneira de apreciar as coisas boas que a cidade oferecia, como o céu de Brasília. Com pouco tempo de sobra, Martha aproveitava o dia de folga para pescar no córrego Vicente Pires ou colher flores no cerrado. Segundo ela, aqui tinha umas espécies muito bonitas, como a flor-de-brasília, a canela-de-ema e a temida flor-do-celibato, que ela colhia mesmo sob a advertência dos mais supersticiosos. “O pessoal sempre dizia que quem as tocasse não casava.”

Raio X

Nome: Martha Margareta Karin Engel de Souza
Origem: Colônia Uvá (colônia alemã fundada em 1924, próxima a Goiás Velho)
Ano de chegada a Brasília: 1959
Profissão: Enfermeira
Estado civil: Casada
Esposo: Luiz Alves de Souza
Filhos: Luiz, Walter e Rodrigo
Netos: Ana Alice, Ernesto, Maria Luíza, Luiz Arthur, Bruna e Pilar Maria
Algumas Medalhas: Medalha de Mérito Alvorada e medalha de Mérito Dr. Henrique Bandeira de Mello